

SIMONE WEIL: UMA HOMENAGEM

Maria Clara L. Bingemer

O ano de 2002 foi marcado por várias figuras de mulher, sejam positivas ou negativas. Desde figuras corajosas e destacadas na política, como a governadora Benedita e a ministra Marina até a (sempre) quase premiada com o Nobel da Paz Zilda Arns, passamos também pelas figuras trágicas e tristes da linda Suzanne, assassina dos próprios pais; da seqüestradora Vilma, que subtraiu o filho Pedrinho à própria mãe; da menor de 11 anos que envenenou o pai por sua discordância quanto a seu namoro.

Iniciando 2003, proponho uma homenagem. Trata-se do ano de celebração dos 60 anos da morte de Simone Weil, filósofa francesa, nascida em Paris a 3 de fevereiro de 1909, filha de família de origem judaica. Seu pai era um médico da Alsácia e sua mãe originária da Rússia. Seu irmão um precoce matemático. Formada em filosofia pela Sorbonne, foi a primeira mulher catedrática da França. Era a discípula predileta do filósofo Alain, formada em completo agnosticismo, apaixonada pelo tema da condição humana no mundo do trabalho.

Simone viveu intensamente as lutas, esperanças e dores de seu tempo. Movida por profundo sentimento de solidariedade com os mais pobres, abandonou o magistério para trabalhar como operária fabril. Experienciou desde dentro as lutas operárias na França do início do século. Nos anos 30 a intelectual Simone vive junto aos operários franceses a crise e o desemprego. São anos duros, decisivos em sua vida. Neles, em suas cortantes palavras, recebe na carne a marca da escravidão que "... é o trabalho sem luz de eternidade, sem poesia, sem religião".

A "marca da escravidão" e o sentimento de solidariedade levam Simone às portas da fé cristã numa viagem de repouso em Viana do Castelo, um vilarejo português de pescadores. Dessa experiência temos o relato: "... num estado físico miserável, entrei nessa pequena aldeia portuguesa - que era, ai! tão miserável também - sozinha à noite, sob a lua cheia, no dia da festa do padroeiro. As mulheres dos pescadores faziam a volta aos barcos em procissão, levando círios e cantando cânticos certamente muito antigos e de uma tristeza dilacerante... Ali tive, de repente, a certeza de que o cristianismo é, por excelência, a religião dos escravos, que os escravos não podem não aderir a ela, e eu entre os outros".

O itinerário de vida de Simone vai ser um contínuo servir, um despojar-se, um "abaixar-se" para uma união amorosa cada vez mais profunda, uma proximidade cada vez mais solidária com os pequenos, os humildes, os desprezados, os "párias" da modernidade. Nesse "abaixar-se" que enlaça no amor as carências do humano, Simone é progressivamente seduzida pelo mistério cristão. O pensamento da Paixão de Cristo penetra-lhe o fundo da existência: sente-se vivendo hoje a continuidade dessa Paixão, dessa vulnerabilidade amante que se doa a si mesma em meio às dores do mundo.

Em novembro de 1938 tem experiência mística profunda: "... senti, sem estar de maneira alguma preparada, porque nunca tinha lido os místicos, uma presença mais pessoal, mais certa, mais real que a de um ser humano... No instante em que Cristo se apoderou de mim, nem os sentidos, nem a imaginação tiveram parte alguma; senti somente através do sofrimento a presença de um amor semelhante ao que se lê no sorriso de um rosto amado".

A Segunda Guerra Mundial e o holocausto nazista foram a grande interpelação final para sua vida. Retirada pelos pais da França ocupada pelos alemães, sem poder

levar adiante o projeto que tinha de estar em pleno *front* cuidando dos feridos, a saúde e a vida de Simone vão entrando em um ocaso. Doente de tuberculose, morrerá em Ashford, Inglaterra, a 24 de agosto de 1943.

Durante a evolução de seu processo intelectual e interior, a filósofa encontra a chave para o segredo do caminho do ser humano em direção a Deus: nossa vulnerabilidade e mortalidade.

Essa mulher vulnerável e mortal, mas ao mesmo tempo grande e heróica merece nossas homenagens no Dia Internacional da Mulher.

[03/MAR/2003]